



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'A Marquesa de Alorna (1750-1839)', de Vanda Anastácio]

Yvette K. Centeno

Para citar este documento / To cite this document:

Yvette K. Centeno, "[Recensão crítica a 'A Marquesa de Alorna (1750-1839)', de Vanda Anastácio]", *Colóquio/Letras*, n.º 173, Jan. 2010, p. 234-237.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

e as artes em geral são igualmente críticas num sentido mais concreto e mais prático. Representam uma exposição reflectida e um juízo de valor da herança e do contexto a que pertencem.»²

Neste sentido, Guilherme d'Oliveira Martins contribui, com este livro, de maneira admiravelmente brilhante, para uma visão de conjunto crítica e actualizada da nossa cultura, levando-nos a repensar sobretudo, em termos simultaneamente complexos e claros, a decisiva herança do nosso século XIX.

Álvaro Manuel Machado

NOTAS

¹ Guilherme d'Oliveira Martins, *Oliveira Martins. Uma Biografia*, pref. Eduardo Lourenço, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986, p. 21.

² George Steiner, *Presenças Reais*, trad. e posf. Miguel Serras Pereira, Lisboa, Editorial Presença, 1993, p. 22.

Vanda Anastácio A MARQUESA DE ALORNA (1750-1839)

Lisboa, Editora Prefácio / 2009

No seguimento de outras publicações em que dá a conhecer a obra da famosa Alcipe, Vanda Anastácio apresenta agora este volume de ensaios ordenados em torno do que foi a vida, tormentosa de início no Convento de Chelas, dessa mulher extraordinária e de influência marcante na sociedade do seu tempo.

Vanda Anastácio aborda estas questões com uma qualidade de escrita fluida, inteligente, não permitindo que a sua enorme erudição se torne fastidiosa, enquanto ao mesmo tempo nos surpreende com a quantidade de informação transmitida,

levando-nos de página em página até às observações finais.

É assim que temos agora disponível a vida da Marquesa de Alorna, estudada em materiais até à data desconhecidos do público leitor, revelando uma mulher de grande cultura e de grande carácter, para além do conhecimento que já existia da sua produção poética.

Apesar da censura da Inquisição e dos tempos conturbados de perseguição que se viviam, apercebemo-nos de que continuavam a existir e até a florescer (a proibição aguça o engenho...) muitos espaços de criação e de saber: «outeiros poéticos» nos próprios conventos, salões, associações, assembleias de reuniões literárias mais ou menos informais.

Notável era que houvesse tantas mulheres participantes e com grande abundância de produção literária «com quantidade de textos que foram escutados, lidos em voz alta, passados de mão em mão» (p. 34).

Vivia-se a cultura do tempo: de autores ilustres, tanto do passado como contemporâneos, já teorizando ao sabor dos Enciclopedistas, inaugurando novos modelos de pensamento social e político, contra a tirania e o despotismo: a Marquesa confessa que gostava de ler obras de filosofia, de política e de ciências da natureza, referindo como preferidas as de Rousseau e Voltaire (p. 104), proibidas pelos editais e para as quais ela não tinha «licença». Numa carta à Condessa do Vimieiro escreve: «não sei se tu conheces a *Clarisse* de Richardson. Esta casa onde te escrevo parece-me a prisão em que ela esteve...» (p. 106). Repare-se como é interessante este pormenor, do acompanhamento imediato do que se publicava no estrangeiro, sendo, neste caso, a obra de Richardson uma das mais significativas para a renovação do género romanesco intimista, na Inglaterra do século XVIII. Adiante Vanda

Anastácio citará ainda como leituras preferidas da Marquesa Jonathan Swift e o poeta Young. Não admira que se tornasse figura de culto, esta jovem mulher cuja cultura ultrapassava, de muito, o habitual do seu tempo, mesmo entre as importantes figuras masculinas.

Vemos ainda, pelo que nos conta Vanda, como roça por vezes zonas de sombra perigosa: seria interessante vir a descobrir o que foi a célebre Sociedade da Rosa, em cuja criação a Marquesa de Alorna se teria envolvido, facto que a levou a sair de Portugal, em 1803 (p. 19).

Quando em Viena, já casada com o Conde de Oeynhausen, oficial alemão aparentado à Casa de Schaumburg-Lippe, frequentando a corte e os altos círculos da nobreza mais culta, verifica-se que conheceu o Conde de Zinzendorf, e em especial Franz Anton Thun (1734-1801), amigo e protector de Mozart, o que permite confirmar a ideia da convivência com um dos maiores compositores daquele tempo. Sabendo-se que Mozart foi iniciado maçom, que Thun foi fundador e divulgador de Lojas maçónicas rosacruz, em que a doutrina era de conciliação dos ideais do Iluminismo com os dos Iluminados, tendo possivelmente contribuído para algumas das cenas e dos diálogos do libreto da *Flauta Mágica*, e que Zinzendorf, por sua vez, descende do fundador de um dos mais importantes movimentos pietistas da Alemanha (a comunidade dos Herrnhueter) poderemos talvez por aqui descortinar mais um dos muitos interesses desta Marquesa de pensamento tão independente e tão surpreendente¹.

Sobremaneira interessante e elucidativa é, de todos os pontos de vista, a correspondência com o pai.

Muito do que escreve a jovem Marquesa é feito para o consolar das suas atribulações, e quase tudo o que provém do pai é feito com o cuidado da sua formação pes-

soal e cultural, para um crescimento digno e à altura do que deveria ser uma mulher daquele tempo.

Citando a autora: «A correspondência enviada por D. Leonor durante os anos de clausura [...] constitui um documento vivo dos interesses intelectuais da jovem. Dá testemunho [...] dos diversos estratégias de que se servia não só para conseguir ter lições com regularidade, apesar da rigidez das regras conventuais, mas também para conseguir ter acesso aos livros mais recentes, entrando em acordo com livreiros que lhe emprestassem as obras que iam surgindo no mercado, em troca de uma quantia fixa mensal [...] pedindo obras emprestadas ao irmão, aos familiares e amigos que a visitavam, encomendando livros a partir dos anúncios que lia nos jornais enciclopédicos franceses e nas revistas inglesas que recebia com regularidade, por volta de 1773» (p. 15).

E adiante, a propósito dos visitantes mais ilustres: «A documentação conservada confirma que durante os anos de encerramento em Chelas as ‘senhoras Alornas’ despertaram o interesse de poetas e homens de letras que as visitavam na grade e frequentavam os *outeiros* aí realizados: Filinto Elísio, Domingos Maximiano Torres, e até Ribeiro dos Santos foram alguns dos frequentadores.»

Mais tarde, já nos anos de 1816 a 1829, veremos Alcipe frequentar as assembleias de Francisca Possolo da Costa (1783-1838), uma escritora mais jovem, que terá recebido e conhecido, entre outros, Belchior Curvo Semedo, Bocage, António Feliciano de Castilho, Alexandre Herculano, que se refere à Marquesa como «figura tutelar» desses encontros (p. 20-1).

Escreve Herculano num artigo publicado na revista *O Panorama* por ocasião da publicação das suas *Obras Poéticas*, em 1844: «Aquela mulher extraordinária, a

quem só faltou outra pátria, que não esta pobre e esquecida terra de Portugal, para ser uma das mais brilhantes provas contra as vãs pertencções de superioridade excessiva do nosso sexo, é que devi incitamentos e protecção literária, quando ainda no verdor dos anos dava os primeiros passos na estrada das letras» (p. 21).

Diga-se que em parte por não ser próprio da educação do tempo, mesmo na ideia de progressistas defensores das Luzes, a Marquesa deixará por publicar muito do que agora, com Vanda Anastácio, iremos conhecendo.

O seu espólio encontra-se disperso pelo Arquivo Nacional da Torre do Tombo, a colecção particular do Palácio Fronteira, a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, a do Porto e a de Évora, bem como por colecções de famílias particulares. Já se vê com o que tem de lidar o investigador cuidadoso e paciente...

A Marquesa de Alorna é, ainda mais do que poeta, um espírito forte, consciente do seu carácter, da sua cultura (recorde-se que nos anos do convento aprendeu latim, francês, inglês, italiano e árabe! — p. 95), bem como da sua posição social — algo que nos é revelado pelas descrições do antro conventual de Chelas em que ela e a mãe viviam a rotina dos dias, e sobretudo pelas discussões com a abadesa ou o Bispo de Lacedemónia, a quem tentava explicar que nem tudo era herético, na curiosidade intelectual, mais herético era, pelo contrário, o modo hipócrita como se vivia a religião naqueles espaços de suposta santidade (ver cap. «A Virtude É Uma Fantasma Nestes Sítios», p. 71; e adiante, p. 112 ss.).

Resumindo: «Ontem tive vários argumentos com o confessor de minha Mãe, que está entestado das ideias vulgares a respeito dos filósofos modernos e não admite absolutamente nenhum princípio honesto na aplicação, fora do que serve para a salvação eterna. Tudo inutiliza: chama

à Poesia ciência de pagãos; à Matemática, ciência de loucos; à Física, meios de estabelecer nova religião... Esforcei-me inutilmente para provar que os filósofos, ainda que erravam em muitas coisas, não eram incompatíveis com o Cristianismo sublime» (p. 113).

A Marquesa morre pouco antes de completar os 89 anos, em 11 de Outubro de 1839. Podemos dizer dela o que disse Herkulano e mais ainda. Além de figura tutelar das Letras e seus cultores, foi sem dúvida uma figura exemplar no tocante à curiosidade intelectual, independência de espírito, coragem moral e dignidade de carácter.

Yvette K. Centeno

NOTA

- ¹ Ver a este respeito M. F. M. van den Berk, *The Magic Flute. An Alchemical Allegory*, Leiden/Boston, ed. Brill, 2004, p. 62 ss. Van den Berk refere que Thun pertencia a uma das mais ricas e ilustres famílias da Áustria, sendo conhecido como Irmão Rosacruz-Asiático, *pur sang*, um ocultista típico: «Filiava-se nas sociedades secretas mais obscuras, se fosse caso disso, e não hesitava em abandoná-las se descobria que eram afinal uma fraude.» Era um verdadeiro adepto da procura da «Pedra», citando ainda Van den Berk, um Matemático e Físico, dando conferências sobre aeronáutica, fiel seguidor de Mesmer; de sua mulher se diz ser pessoa de grande personalidade artística, cujo palácio ultrapassa em brilho todos os salons de Viena; o Imperador é um dos que o frequenta, e Mozart, quando chega a Viena em 1781 torna-se visita quase diária da casa da Condessa. Em 1783 Thun torna-se membro da *Verdadeira Concórdia* de todas as Lojas, até então o centro do Iluminismo da época. Nas suas intervenções o Conde usa uma linguagem mística e alquímica, não deixando de apontar como objectivos da maçonaria «a igualdade de todos os homens, a unificação de todas as religiões sob uma única designação, e a investigação científica» (p. 63). E acrescenta, aí sim, deixando espantados os companheiros maçons: «para

atingir tais fins os principais meios são: a química ou alquimia; o desenvolvimento do próprio talento com a ajuda divina; e por último a Ética, simples e acessível» (*ibid.*). Depois de abandonar durante alguns anos as Lojas de Viena e a prática maçónica, decide em 1789 aderir à Loja de Mozart, *Esperança Coroada* (p. 64). A sua doutrina parece esboçar a concórdia entre as duas correntes do tempo: do Iluminismo e dos Iluminados, os místicos e alquimistas do Pietismo.

Monjas Dominicanas PRESENÇA, ARTE E PATRIMÓNIO EM LISBOA

Coordenação científica
de Ana Cristina da Costa Gomes, José Augusto
Mourão, José Eduardo Franco e Vítor Serrão
Lisboa, Mosteiro de Santa Maria das Monjas
Dominicanas e Aletheia Editores / 2008

Acerca do património religioso, artístico, cultural e vivencial dos conventos femininos em Portugal muito falta saber. Ganha assim particular relevo a obra *Monjas Dominicanas: Presença, Arte e Património em Lisboa* que a Editora Aletheia juntamente com as Monjas Dominicanas do Lumiar colocaram à disposição do público, a assinalar as Comemorações do VIII Centenário da Fundação da Ordem dos Pregadores. Criada por Domingos de Gusmão em Tolouse, em 1207, a Ordem dos Pregadores estabeleceu-se em território português por volta de 1217, datando de 1219 a primeira casa do ramo feminino, instalada em Chelas. A presença de tal Ordem entre nós, desde as origens até à actualidade, é uma história viva e complexa, permeada de realizações, sobressaltos, polémicas e contradições, que obviamente acompanha e atravessa as vicissitudes, as peculiaridades e os rumos da evolução da história portuguesa, com eles se articulando. É precisamente uma incursão nos meandros da história dessa presença (com todas as implicações que acarreta) que *Monjas Dominicanas* proporciona.

Fruto da colaboração de um conjunto de especialistas e estudiosos, com coordenação científica de Ana Cristina da Costa Gomes, José Augusto Mourão, José Eduardo Franco e Vítor Serrão, o álbum oferece ao leitor uma sugestiva viagem de vários séculos pelo universo conventual feminino, ao longo dos anos tão negligenciado pelos estudiosos.

Profusamente ilustrada, incluindo um conjunto amplo de estudos e ensaios pluridisciplinares, referenciando, além do mais, um riquíssimo manancial de fontes documentais e bibliográficas em parte inéditas, a obra comporta vários planos de leitura susceptíveis de interessar tanto o curioso como o especialista. Graças ao manejo e cruzamento criterioso das fontes e à copiosa bibliografia que oferece, a obra é fecunda em pistas que poderão conduzir o leitor especializado ao desenvolvimento de novas pesquisas e investigações.

Organizado de uma forma descentrada, o volume reúne um conjunto de ensaios e estudos incidindo nos domínios da religião, da arquitectura e urbanismo, da arte, da ilustração, da música, da literatura, do teatro e do quotidiano, que, de prismas diversos e estimulantes, procuram iluminar e reconstruir as várias facetas da vida consagrada feminina nos mosteiros dominicanos ao longo de oito séculos. Perante o olhar do leitor vão perpassando fragmentos da história perdida desses conventos, os quais, conjugados e articulados criticamente, à maneira de um *puzzle*, permitem vislumbrar com alguma nitidez os contornos gerais dessa presença e ajuizar sobre o peso do seu legado cultural.

É assim que gradualmente, ao percorrerem-se as páginas do livro, a história material dos cenóbios femininos — fundação, construção, campanhas de obras, planos de arquitectura, distribuição e ordenamento de espaços e funcionalidades — vai ganhando forma, tal como se co-